

A EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Geovanna Correia Soares da Silva¹

Lúcia Maria de Andrade da Silva Caraúbas²

RESUMO

Este artigo explora a relação entre o bem-estar emocional e o desempenho escolar de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental. Adotando uma abordagem qualitativa com base em observações e entrevistas, o estudo destaca como a educação emocional no ambiente escolar pode influenciar o comportamento dos alunos, prevenir práticas de bullying e promover um ambiente mais inclusivo. A pesquisa analisou as estratégias de intervenção adotadas pelas professoras para fortalecer o bem-estar emocional dos estudantes e, conseqüentemente, melhorar seu desempenho escolar. Os relatos das professoras revelaram a falta de suporte para encaminhar os alunos tanto para avaliações quanto para acompanhamentos psicopedagógicos na rede pública. Além disso, constatou-se que a ausência de uma participação familiar mais ativa na escola impacta negativamente o desenvolvimento escolar das crianças. Assim, há uma necessidade urgente de políticas na rede que não apenas ampliem e aprimorem os mecanismos de encaminhamento para assistência psicopedagógica, mas também incentivem uma maior participação da família, agilizando o atendimento dos alunos e prevenindo o agravamento de suas necessidades.

Palavras-chave: Educação Emocional. Bem-Estar Emocional. Desempenho Escolar.

ABSTRACT

This article explores the relationship between emotional well-being and academic performance in children in the early years of primary school. Adopting a qualitative approach based on observations and interviews, the study highlights how emotional education in the school environment can influence student behavior, prevent bullying and promote a more inclusive environment. The research analyzed the intervention strategies adopted by teachers

¹ Concluinte do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (e-mail: geovanna.soares@ufpe.br)

² Professora (Orientadora) do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. (e-mail: lucia.caraubas@ufpe.br)

to strengthen students' emotional well-being and, consequently, improve their academic performance. The teachers' reports revealed the lack of support to refer students for both assessments and psycho-pedagogical support in the public school system. Furthermore, it was found that the absence of more active family participation at school negatively impacts children's academic development. Therefore, there is an urgent need for policies in the network that not only expand and improve referral mechanisms for psycho-pedagogical assistance, but also encourage greater family participation, streamlining student care and preventing the worsening of their needs.

Keywords: Emotional Education. Emotional Well-Being. School Performance.

1. INTRODUÇÃO

A inserção da educação emocional no ambiente escolar tem sido objeto de crescente interesse e debate entre educadores, psicólogos, pais e pesquisadores. Reconhecendo a importância do desenvolvimento emocional para o sucesso escolar e social dos estudantes, cada vez mais escolas estão buscando integrar estratégias e programas que visam promover habilidades emocionais e sociais em seu currículo, uma vez que a educação emocional proporciona uma abordagem holística ao desenvolvimento dos alunos, permitindo-lhes adquirir habilidades para compreender, expressar e regular suas emoções de forma saudável, resultando em um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo, onde os alunos se sentem seguros para explorar e aprender.

Estudos feitos por Freire (1996), Vygotsky (1989 e 1999), Maturana (1999), Bisquerra (2005), (Gardner (1995, 2005), Wallon (2007), Goleman (2007), Ferreira e Acioly-Régner (2010), sugerem que o bem-estar dos estudantes pode contribuir para o seu sucesso escolar. Ao aprender a gerenciar suas emoções, eles podem melhorar sua capacidade de concentração, resolução de problemas e relacionamento interpessoal, que são fatores essenciais para o sucesso acadêmico, uma vez que a educação emocional pode ajudar a reduzir os problemas de disciplina nas escolas, fornecendo aos alunos estratégias para lidar com conflitos, frustrações e estresse de maneira construtiva. Isso contribui para um ambiente escolar propício à aprendizagem.

No entanto, muitas escolas enfrentam desafios na implementação de programas de educação emocional devido à falta de formação adequada para os educadores e sem o apoio necessário, os esforços para incluir essa abordagem ao currículo podem encontrar resistência

por parte de alguns educadores, pais e até mesmo alunos que podem considerar esse tipo de aprendizagem como irrelevante ou como algo secundário em relação ao currículo tradicional. Compreender o impacto da educação emocional pode ser um desafio, uma vez que os resultados são frequentemente de longo prazo, o que torna difícil quantificar seu sucesso em termos de desempenho escolar dos alunos.

A escolha desta temática surgiu a partir de um estágio supervisionado na disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica. Durante esse período, ficou evidente que os aspectos emocionais dos alunos são frequentemente negligenciados.

Posto isso, algumas questões provocam reflexões como: de que maneira a integração da educação emocional no ambiente escolar pode contribuir para o bem-estar emocional dos alunos? Qual é o impacto da educação emocional na prevenção do bullying e na promoção de um ambiente escolar mais inclusivo? Como os educadores podem efetivamente incorporar a educação emocional em suas práticas pedagógicas cotidianas? Desses questionamentos surgiu interesse em investigar a relação entre o bem-estar emocional e o desempenho escolar.

Esperamos com este estudo abrir oportunidades de pesquisas futuras que venham oferecer contribuições significativas para o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar desafios sociais e emocionais. Portanto, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar a relação entre o bem-estar emocional e o desempenho escolar dos estudantes de uma escola da rede Municipal de Recife, com vistas a compreender como esse vínculo pode influenciar tanto o desenvolvimento educacional quanto a motivação dos estudantes.

Para dar conta de responder os questionamentos já citados, temos três objetivos específicos que tratam-se de: analisar a conexão entre indicadores de bem-estar emocional, como autoestima, resiliência, satisfação, e o desempenho escolar de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da rede municipal do Recife; identificar os fatores que impactam a conexão entre o bem-estar emocional e o desempenho escolar, examinando elementos como o ambiente familiar, apoio social, práticas de autocuidado e estratégias de enfrentamento, segundo as professoras de uma escola da rede Municipal do Recife e discutir as estratégias de intervenção usadas pelas professoras que fortalecem o bem-estar emocional e contribuem para o desempenho escolar dos estudantes.

Em direção a fins de organização, o texto subdivide-se em três seções, em adição a introdução e considerações finais. A primeira seção foi destinada ao marco teórico com quatro subseções cuja primeira foi realizada um enfoque sobre o bem-estar emocional e o desenvolvimento humano, a segunda discute o desenvolvimento afetivo- emocional, na

terceira abordamos o impacto no bem estar emocional dos alunos, na quarta destacamos o papel da formação docente fortalecedora da educação emocional. Na terceira seção incluímos a metodologia para finalmente, na quarta seção, aludimos acerca da análise sobre os resultados conquistados através da pesquisa.

2. MARCO TEÓRICO

2.1 BEM-ESTAR EMOCIONAL E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

O bem-estar emocional desempenha um importante papel no desenvolvimento humano, influenciando a forma como indivíduos percebem, interagem e prosperam no mundo ao seu redor. É um conceito multifacetado que engloba a capacidade de reconhecer e gerenciar emoções, manter relacionamentos saudáveis, lidar com o estresse e buscar um sentido de propósito e satisfação na vida. Este aspecto do desenvolvimento humano é tão importante quanto outras dimensões, como o desenvolvimento físico, cognitivo e social.

O bem-estar emocional não se limita apenas à ausência de doenças mentais, mas também abrange a presença de emoções positivas, resiliência diante de desafios e uma sensação geral de contentamento e realização. Sua importância transcende os indivíduos e impacta comunidades e sociedades como um todo, influenciando a produtividade, a qualidade de vida e até mesmo o progresso econômico.

Sendo assim, promover o bem-estar emocional constitui uma prioridade em diversas esferas, incluindo educação, saúde, trabalho e políticas públicas. Compreender e nutrir esse aspecto do desenvolvimento humano não só contribui para a felicidade e o desenvolvimento pessoal, mas também para a construção de sociedades mais resilientes, inclusivas e sustentáveis. Desta forma, passaremos a discutir a relação entre bem-estar emocional e desenvolvimento humano, essencial para promover o potencial humano e o progresso global.

2.2 DESENVOLVIMENTO AFETIVO-EMOCIONAL

Bussab e Souza (2006) na apresentação do livro Razão e emoção: diálogos em construção abordam o impacto da dicotomia mente-corpo, e como esta dicotomia afeta os indivíduos de forma abrangente. Segundo as autoras, diferentes modelos psicológicos tentam lidar com essa divisão entre razão e emoção, incorporando situações cotidianas, resultando em teorias intituladas como "afetivas" ou "cognitivas". Essas denominações conferiram a certos

modelos uma suposta autoridade sobre esses aspectos da natureza humana, excluindo a ideia de que os componentes cognitivos e afetivos, essenciais para o desempenho psicológico, poderiam ser considerados separadamente, como entidades independentes.

Desde os pressupostos psicológicos do século XIX e início do século XX, com o domínio dos instintivistas e de um viés não racional, até a "revolução" cognitiva dos anos 1960 e o avanço do behaviorismo, que promoveu a visão racionalista, as emoções permaneceram como objeto de estudo e fascínio. Um progresso significativo foi feito em direção ao desenvolvimento de teorias psicológicas que priorizam a importância das experiências vivenciadas pelos indivíduos e sua capacidade de afetar o comportamento humano. Nesse contexto, surgiram teorias psicogenéticas como as de Piaget, Vygotsky e Wallon (apud LA TAILLE, OLIVEIRA e DANTAS, 1992), assim como a psicanálise freudiana (1987).

É importante notar que a teoria de Piaget, em comparação direta com as teorias psicogenéticas de Vygotsky e Wallon, parece evidenciar principalmente a ideia de uma correlação constante e intrínseca entre aspectos afetivos e intelectuais em todo comportamento, ao longo de todas as fases do desenvolvimento, de forma progressiva. Isso pode ser ilustrado pela seguinte afirmação de Piaget³ sobre afetividade:

[...] é indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, na minha opinião, não é uma condição suficiente. (Piaget, 1962/1994, p.129)

Na citação acima Piaget reconhece a importância das emoções, especialmente em relação à motivação, mas argumenta que elas não são suficientes por si só para correspondência entre afeto e interesse, sugerindo que o afeto pode direcionar os interesses da criança, mas não é o único fator determinante no desenvolvimento da inteligência.

Por outro lado, tanto Vygotsky (1989, 1999, *apud* La Taille; Dantas e Oliveira, 1992) quanto Wallon (2007 e *apud* Ferreira e Acioly-Régner 2010) enfatizam o papel afetividade na formação das estruturas cognitivas. Wallon, especificamente, destaca a importância das primeiras emoções na construção da personalidade e no desenvolvimento cognitivo inicial da criança.

³ Piaget, J. (1994). La relación del afecto com la inteligencia en el desarrollo mental del niño. In G. Delahanty, & J. Ferrés (Eds.), *Piaget y el psicoanálisis* (pp. 181-289). Universidad Autónoma Metropolitana: Xochimilco. (Trabalho original publicado em 1962).

Essas diferentes perspectivas destacam a complexidade do papel das emoções no desenvolvimento cognitivo e ressaltam a necessidade de considerar uma variedade de fatores, incluindo tanto os aspectos afetivos quanto os cognitivos, para entender completamente o desenvolvimento humano. Ao abordar a observação do desenvolvimento da criança ao longo da passagem sucessiva de idade, sem submetê-las a advertências prévias de nossas significações lógicas, Wallon salienta que,

[...] é no campo das funções psicomotoras e psíquicas que ela costuma ser mais flexível, de modo que o conflito nunca está totalmente resolvido: é o caso da emoção e da atividade intelectual, que correspondem claramente a dois níveis distintos dos centros nervosos e a duas etapas sucessivas da evolução mental. (Wallon, 2007. p. 12)

Segundo Galvão (2004), a concepção de Wallon sobre emoção se alimenta do impacto que causa nos outros. Isso se relaciona diretamente com a ideia anteriormente destacada de que, para ele, a intensidade da emoção está diretamente ligada ao grau de imperícia. Assim, as emoções funcionam como espelhos que se nutrem através do quanto podem afetar os outros.

Em contrapartida, Vygotsky (1989, 1999, apud La Taille; Dantas e Oliveira, 1992) propõe que a razão tem a capacidade de controlar as emoções mais primitivas. Ele também faz uma distinção entre as emoções naturais, como medo, alegria e raiva, e as emoções mais complexas, como orgulho, culpa e respeito.

Ao abordar a perspectiva de Vygotsky (1989, 1999, *apud*, La Taille, Oliveira e Dantas) é indispensável falar também sobre a dimensão social do desenvolvimento humano, pois ele possui, como um de seus princípios básicos, o pensamento de que o ser humano se constitui de tal modo através da sua relação com o outro social.

Vygotsky (1989 e 1999) argumenta que o pensamento por complexos possibilita a organização de impressões desordenadas, criando bases para futuras generalizações. Ao agrupar elementos da experiência em complexos, as pessoas desenvolvem categorias mentais que servem como alicerces para compreender e generalizar informações semelhantes no futuro. Essas categorias permitem o desenvolvimento de um pensamento mais abstrato e profundo, superando as simples impressões iniciais desordenadas. Isso ressalta a importância do contato social no processo de desenvolvimento humano, uma vez que a interação com os outros é fundamental para o amadurecimento do pensamento.

Com relação à psicanálise freudiana, conforme destaca Millot (1989) esta não deve ser diretamente aplicada à educação em termos de técnicas pedagógicas, mas sim dentro do âmbito da psicanálise em si. O interesse pela psicanálise na educação se concentra na compreensão psicanalítica do educador e da criança. Isso significa que é por meio da análise

psicanalítica desses indivíduos envolvidos no processo educativo que a psicanálise pode contribuir para uma abordagem mais profunda e eficaz na área da educação.

A psicanálise contribui para a educação ao oferecer uma compreensão mais aprofundada dos processos psicológicos envolvidos no ensino e aprendizado. Ao analisar o educador e a criança sob uma perspectiva psicanalítica, é possível identificar dinâmicas inconscientes, traumas, padrões comportamentais e mecanismos de defesa que podem influenciar a interação educacional. Essa compreensão mais profunda pode ajudar a criar abordagens pedagógicas mais sensíveis e adaptadas, levando em consideração as complexidades psicológicas dos envolvidos. Além disso, a psicanálise pode oferecer insights sobre o desenvolvimento emocional e as relações interpessoais na dinâmica educacional.

O processamento e regulação das emoções pelo cérebro é um tema de grande relevância, e diversos estudos têm explorado como isso ocorre em diferentes estágios do desenvolvimento humano. Segundo Dantas, Oliveira e Taille (1992), há uma relação entre a organização cortical do cérebro e a regulação emocional ao longo da vida. Em crianças pequenas, as regiões cerebrais responsáveis por processos mais básicos desempenham um papel fundamental na regulação emocional, o que pode resultar em respostas mais automáticas e instintivas. Conforme a criança cresce e o cérebro amadurece, as áreas associadas a processos cognitivos mais complexos tornam-se mais importantes nesse processo, permitindo respostas emocionais mais elaboradas e adaptáveis às situações.

A educação emocional pode ser relacionada a esse processo de regulação emocional, uma vez que fornece ferramentas e estratégias para lidar com emoções complexas. Ao fortalecer as áreas cerebrais envolvidas em processos cognitivos mais complexos, a educação emocional contribui para o desenvolvimento de respostas emocionais mais adaptáveis ao longo da vida. Isso pode resultar não apenas em uma melhor capacidade de lidar com uma variedade de situações, mas também no desenvolvimento da maturidade psicológica do indivíduo. Em suma, o desenvolvimento da regulação emocional está intrinsecamente ligado ao amadurecimento cerebral e pode ser aprimorado por meio da educação emocional.

A conexão entre as competências emocionais e o processo de aprendizagem não é algo separado, mas está profundamente integrado ao contexto educacional. Conforme Freire (1996), é importante o professor construir um vínculo afetivo com os alunos durante o processo educativo. Ele diz:

[...] como professor, não me acho tomado por este outro saber, o de que preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho

medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. (Freire, 1996, p. 141).

Nesse sentido, Freire (1996) sugere que um professor deve estar aberto não apenas ao conhecimento acadêmico, mas também à disposição de desejar o bem-estar dos alunos. Ele enfatiza a importância de ter coragem para se envolver emocionalmente no processo educativo, reconhecendo que o afeto e a conexão emocional são elementos essenciais na prática educativa. Aqui, podemos claramente observar um reflexo da amorosidade da qual ele tanto fala. Isso aponta para uma abordagem mais holística da educação, que transcende a simples transmissão de informações.

2.3 O IMPACTO NO BEM ESTAR EMOCIONAL DOS ALUNOS

Para Piaget (*apud* La Taille, 1992, p. 66), “a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”. Portanto, se relacionamos a emoção a motivação que os estudantes apresentarão no contexto escolar, o impacto que uma educação emocional tem no bem-estar dos alunos chega até mesmo a ser revigorante, como um corpo de ar fresco, o sinal de que há preocupação com essa motivação, com a vontade de aprender que tem que crescer dentro deles e, pela qual, o educador pode ser precursor. É através do reconhecimento dessa relação mútua entre emoção e estímulo que podemos contribuir para a melhoria do ambiente escolar.

Paulo Freire (1996), destaca a conexão entre a alegria necessária no processo educativo e a esperança, destacando que a esperança não é simplesmente acrescentada à natureza humana, mas é intrínseca a ela. Ele propõe que, na prática educativa, a esperança surge da convicção compartilhada entre professores e alunos de que juntos podem aprender, ensinar, superar desafios e enfrentar os obstáculos que possam surgir. A sugestão é que a esperança, ao invés de ser externa, é uma parte essencial da experiência humana, crucial para o envolvimento construtivo no processo educacional. Segundo ele há

[...] uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. [...] A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. (Freire, 1996, p. 72)

Abrindo mão de considerar exclusivamente a alegria, podemos perceber como a educação emocional contribui para melhorar o ambiente escolar. Quando as emoções são expressas de maneira adequada, há um aumento no engajamento e motivação, tanto por parte dos educadores quanto dos alunos, promovendo a construção coletiva de relações positivas e um ambiente mais acolhedor e propício para a aprendizagem.

A capacidade de desenvolver e fortalecer a resiliência é fundamental para superar desafios com uma mentalidade positiva e construtiva, promovendo níveis mais elevados de criatividade e inovação. Isso é possibilitado quando há liberdade para a livre circulação de ideias e a busca por soluções de maneira imaginativa. Além disso, a integração da educação emocional não apenas torna a jornada educacional mais agradável, mas também cria um ambiente propício para o crescimento cognitivo e pessoal dos participantes, contribuindo para um ambiente escolar mais saudável e eficaz

Maturana (1999) argumenta que vivemos em uma cultura que muitas vezes negligencia as emoções, ignorando a interdependência diária entre razão e emoção, componentes essenciais da experiência humana. Ele salienta que todo sistema racional tem suas raízes em elementos emocionais, o que sugere uma profunda conexão entre razão e emoção na natureza humana. Portanto, é fundamental reconhecer que as emoções desempenham um papel crucial na aprendizagem escolar.

A relação entre bem-estar emocional e racionalidade dentro da sala de aula é bem estabelecida. Um ambiente emocionalmente positivo pode facilitar o processo de aprendizagem, enquanto emoções negativas podem representar obstáculos. Estudantes motivados, interessados e emocionalmente engajados tendem a absorver e reter informações de maneira mais eficaz. Por outro lado, o estresse, o medo ou a falta de motivação podem prejudicar a capacidade de aprendizado. Portanto, é essencial reconhecer e abordar as emoções dos alunos para criar um ambiente educacional propício ao aprendizado significativo.

2.4 FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Refletindo sobre a formação de professores para promover a educação emocional, é importante destacar que o professor deve incorporar, como parte intrínseca de seu papel, a capacidade de prestar atenção aos detalhes que tornarão seu ensino suficientemente contextualizado para facilitar o desenvolvimento de aprendizagens significativas. Isso implica

despertar no aluno um verdadeiro desejo de aprender, descobrir e explorar, tanto de forma individual quanto coletiva. Conforme Arantes (2002, p.72)

[...] os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas a se conhecer e a compreender melhor suas próprias emoções e a das pessoas com quem interagem no dia-a-dia”. (Arantes, 2002, p. 72)

Dessa forma, ao considerar as emoções como um objeto de conhecimento, torna-se fundamental adquirir discernimento para lidar com as complexidades nelas presentes, o que pode ser desafiador. Lidar com as relações interpessoais nunca é simples, porém, quando o entendimento e a gestão emocional são reconhecidos como elementos essenciais para lidar com conflitos e promover relações mais saudáveis, o ambiente se torna mais acolhedor e receptivo.

Considerando a importância de lidar com esses conflitos, torna-se quase inevitável concluir que os professores precisam de uma formação docente que fortaleça os aspectos emocionais presentes no ambiente educacional. Nesse sentido, Bisquerra (2005) sugere que a educação emocional é um processo educativo contínuo e permanente, uma vez que deve estar presente ao longo de todo o currículo acadêmico e ao longo da vida. Em outras palavras, é tão essencial refletir sobre os componentes acadêmicos curriculares quanto sobre como os educadores podem incorporar efetivamente a educação emocional em suas práticas pedagógicas diárias. Acerca dessa incorporação, Bisquerra (2005) diz:

[...] A educação emocional adota uma abordagem de ciclo de vida, que é posta em prática através de programas sequenciados que começam na educação infantil, continuam ao longo da escola primária e secundária e continuam na vida adulta.” (Bisquerra, 2005, p. 97, tradução nossa)

A ideia principal a qual Bisquerra faz alusão é a de educação emocional como um elemento essencial do desenvolvimento integral da pessoa. Para ele, essa integralidade se traduz no entendimento de que um bom domínio do emocional e do racional determina o bom desempenho dos campos pessoal e profissional e, para os estudantes, bons indicadores de resultados escolares. Para que o processo educativo possa ocorrer da melhor forma, a dimensão emocional precisa ser considerada durante a formação de profissionais que irão lidar com ela de maneira multifacetada dentro do espaço social que chamamos de escola.

3. METODOLOGIA

Para realizar este estudo, cujo objetivo foi investigar a relação entre o bem-estar emocional e o desempenho escolar, com vistas a compreender como esse vínculo pode influenciar tanto o desenvolvimento educacional quanto a motivação dos estudantes, optou-se pela abordagem qualitativa. Conforme Lüdke e André (1986), essa escolha se justifica pelo fato de que a abordagem qualitativa permite uma investigação mais aprofundada e contextualizada das experiências individuais dos estudantes, bem como das interações sociais e culturais que influenciam seu desenvolvimento escolar. Além disso, facilita a compreensão das emoções no ambiente escolar e como elas impactam o desempenho, capturando uma riqueza e variedade de informações relacionadas às diferentes percepções dos participantes.

Para elas, o que cada pessoa consegue "ver" depende em grande parte de sua história pessoal e, especialmente, de sua bagagem cultural. Ao investigar o bem-estar emocional e sua relação com o desempenho escolar por meio de uma abordagem qualitativa, reconhecemos que as percepções e respostas emocionais dos estudantes no ambiente escolar são profundamente influenciadas e moldadas por suas histórias pessoais e contextos sociais específicos.

Bogdan e Biklen (1994) destacam dois aspectos essenciais da pesquisa qualitativa: a utilização do ambiente natural como fonte direta de dados e o papel ativo do pesquisador na coleta e interpretação dos dados, com suas características pessoais e experiências influenciando o processo de pesquisa.

Na primeira fase deste estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, com o objetivo de entender as diversas abordagens adotadas por pesquisadores e investigar as questões mais recentes associadas ao fenômeno. Os instrumentos metodológicos adotados incluíram a observação e entrevistas semiestruturadas. Segundo Gil (1995), uma vantagem da observação é o contato pessoal entre o pesquisador e o objeto de estudo, permitindo o acompanhamento das experiências cotidianas dos sujeitos. Foram realizadas observações, cobrindo desde o acolhimento na chegada até o final da rotina, incluindo almoço e saída. O diário de campo foi utilizado para documentar as observações nas salas de aula e outros espaços da escola. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), o diário de campo serviu como um espaço para registrar pensamentos e reflexões sobre os eventos observados, documentando movimentos, cronologia de eventos, ambientes e observações em diversos locais da escola.

Num segundo momento, foram realizadas entrevistas para aprofundar o contato com as professoras e estimular uma reflexão sobre suas práticas em sala de aula. Segundo Lüdke e André (1986), as entrevistas semiestruturadas seguem um esquema básico, mas flexível, permitindo ajustes conforme necessário e conferindo maior flexibilidade ao processo. Nesse formato, não há uma ordem rígida para as perguntas. As entrevistas foram conduzidas individualmente, utilizando perguntas abertas que permitiram às professoras expressar livremente suas opiniões. As entrevistas foram gravadas em áudio para que as falas pudessem ser transcritas posteriormente, garantindo a preservação completa das informações. De acordo com Lüdke e André (1986), a transcrição das falas permite uma análise mais minuciosa e facilita a referência futura às informações. A gravação em áudio também proporcionou uma camada adicional de segurança, assegurando que nenhum detalhe fosse perdido ou distorcido. Além disso, a gravação capturou todas as expressões orais em tempo real, permitindo que o entrevistador se concentrasse totalmente no entrevistado. Isso foi particularmente importante para assegurar que todas as informações fossem registradas com precisão, sem interrupções ou distrações.

A pesquisa foi realizada com quatro professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola da Rede Municipal do Recife, situada em um bairro da 4ª Região Político-Administrativa (RPA 4), localizada próxima a terminais de transporte público e a outras instituições públicas de educação básica e ensino superior.

Para facilitar a compreensão, as professoras entrevistadas serão identificadas como P1, P2, P3 e P4. O Quadro 1 abaixo apresenta a formação acadêmica e o tempo de experiência de cada uma na rede.

Quadro 1 – Identificação dos sujeitos: formação, tempo de magistério

Professoras	Formação	Tempo de atuação na rede
P 1	Pedagogia	15 anos
P 2	Pedagogia/ Especialização em Psicopedagogia	19 anos
P 3	Pedagogia	12 anos
P 4	Pedagogia/ Especialização em educação especial e inclusiva	17 anos

Fonte da autora

A professora P1 acumula 15 anos de experiência, formada em Pedagogia. A professora P2, é formada em Pedagogia, possui uma especialização em Psicopedagogia, atua há 19 anos

na rede. A professora P3 é graduada em Pedagogia e atua há 12 anos na rede e a professora P4 é formada em Pedagogia com especialização em Educação Especial e Inclusiva e trabalha na rede há 17 anos. Cabe ressaltar que apesar de todas as professoras possuírem formação em pedagogia, as professoras 2 e 4 que possuem uma pós graduação em nível de especialização formacional conseguiram responder melhor certas questões, explorando mais detalhadamente determinadas temáticas, evidenciando assim maior capacidade analítica e reflexiva mais aprofundada sobre a realidade investigada.

A análise dos dados foi realizada com base nos estudos dos autores discutidos no referencial teórico, empregando a técnica de análise temática de conteúdo proposta por Bardin (2011). Essa abordagem envolve a categorização dos dados, agrupando as informações coletadas em diferentes categorias com base nas semelhanças entre os dados. Para assegurar a consistência na classificação, cada categoria foi estabelecida considerando a relevância para o problema da pesquisa, os objetivos definidos e a fundamentação teórica.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados estão organizados a partir do registro das observações e da análise das transcrições das entrevistas, que foram digitadas e analisadas seguindo um método interpretativo, baseado no referencial teórico e na metodologia proposta por Bardin (2011). A análise foi conduzida com base na teoria e em uma reflexão detalhada sobre os achados. Isto se justifica segundo Bardin (2011), é essencial que os resultados brutos sejam tratados para se tornarem significativos e válidos, o que reflete a importância de transformar as respostas das entrevistas semiestruturadas em insights que destacam as principais ideias levantadas durante o estudo. Os dados coletados foram revisados e organizados com base nas similaridades observadas nas respostas das professoras, resultando na formação de três categorias principais: a importância da educação emocional, os desafios da educação emocional e seus impactos no ambiente escolar, e o fortalecimento do bem-estar emocional e suas contribuições para o desempenho educacional. Essas categorias representam um refinamento do material analisado, permitindo uma delimitação mais concreta e precisa das ideias e conceitos. Ademais, tais dados foram dispostos em complemento às observações que abordaremos a seguir e que também foram devidamente examinadas.

4.1 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES

Durante a pesquisa foram realizadas seis visitas à escola, das quais quatro foram dedicadas à observação da dinâmica do ambiente investigado e em conversas com a gestora e a coordenadora para a liberação das professoras para entrevistas. A seleção das professoras entrevistadas considerou o tempo de atuação na rede de ensino, priorizando aquelas com mais de dez anos de experiência, sob o pressuposto de que essa experiência contribuiria para fornecer esclarecimentos mais detalhados e embasados.

As observações abrangeram desde o acolhimento na chegada até o término da rotina escolar, incluindo momentos como o almoço e a saída dos estudantes. Foi possível acompanhar turmas do 2º, 3º, 4º e 5º ano, observando como as professoras lidavam com os conflitos, frequentemente atuando como mediadoras e proporcionando aos alunos a oportunidade de escolher a melhor forma de resolvê-los. No entanto, conforme indicado inicialmente, percebeu-se que o nível de formação das professoras influenciava significativamente suas práticas em sala de aula.

Para ilustrar, as professoras P2 e P4 demonstraram habilidade em incorporar conceitos ligados aos indicadores de bem-estar emocional, incentivando os alunos a participarem de forma mais ativa nas aulas. Estes alunos mostraram maior satisfação na execução das atividades, empatia com os colegas em situações de conflito, resiliência diante de dificuldades relacionadas aos conteúdos abordados em sala de aula, e maior abertura para se expressar e questionar as professoras. Atribuímos esses resultados ao fato de que a concepção que um profissional tem sobre a educação está fortemente ligada à sua formação. Assim, o nível adicional de formação das professoras P2 e P4, juntamente com seu longo tempo de atuação, influenciam positivamente suas dinâmicas pedagógicas.

Com base nas observações realizadas durante as visitas à escola, duas possíveis ponderações podem ser feitas: a primeira refere-se ao papel da formação na qualidade das práticas pedagógicas não apenas porque enriquece o repertório conceitual das professoras, mas também melhora suas habilidades práticas, impactando positivamente na dinâmica da sala de aula. Dessa forma, investir na formação dos professores pode ser uma importante estratégia para melhorar a qualidade do ensino. A segunda é que as observações apontaram para a necessidade de um suporte psicopedagógico mais robusto nas escolas e uma maior participação familiar, que são fundamentais para melhorar a motivação e o desempenho das crianças. Além disso, a formação continuada das professoras surge como um elemento essencial para o aprimoramento contínuo de suas habilidades pedagógicas.

Com suporte adequado e oportunidades de desenvolvimento profissional, as professoras podem refinar suas abordagens, adaptando-se melhor às necessidades dos alunos e promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e eficiente. Nas duas últimas visitas, foram realizadas as quatro entrevistas semiestruturadas. As falas das professoras permitiram chegar a considerações fundamentadas e analisadas por meio de uma análise de conteúdo, utilizando a categorização a seguir.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

A concepção da importância da Educação Emocional é vista na travessia do desenvolvimento de análise reflexiva dessa pesquisa como pilar indispensável nos anos iniciais do ensino fundamental, pois é durante esse período que as crianças começam a desenvolver habilidades essenciais para compreensão e regulação das próprias emoções e das dos outros.

Portanto, ao considerar a importância da Educação Emocional, a introdução de práticas pedagógicas que a integrem pode contribuir significativamente para a criação de um ambiente escolar mais harmonioso e inclusivo. Tais práticas não apenas promovem a empatia, a autorregulação e a resolução de conflitos, mas também melhoram a qualidade da aprendizagem. Com isso em mente, coletamos relatos das entrevistadas a partir da seguinte questão: “Qual é a importância da Educação Emocional na promoção do bem-estar dos alunos e, conseqüentemente, na aprendizagem escolar?”.

Conforme Bisquerra (2005), a Educação Emocional é uma forma de prevenção primária inespecífica, destinada a desenvolver competências aplicáveis em diversas situações, como a prevenção do consumo de drogas, estresse, ansiedade, depressão e violência. Seu objetivo é reduzir a vulnerabilidade das pessoas a disfunções emocionais e comportamentais, promovendo o desenvolvimento de habilidades básicas para a vida, integrando a prevenção primária à educação para maximizar comportamentos construtivos e minimizar os destrutivos. Assim, a Educação Emocional capacita as pessoas com habilidades para enfrentar diversas situações desafiadoras da vida, sendo fundamental no desenvolvimento de competências emocionais desde cedo, para reduzir a vulnerabilidade a questões como estresse, depressão, impulsividade e agressividade. Além disso, em contextos onde não há disfunções, a Educação Emocional se alinha à educação tradicional para fomentar comportamentos positivos e

minimizar os negativos. A crença das professoras sobre a importância da Educação Emocional é clara na resposta da professora P1, que destaca:

“[...] acredito que essa educação emocional, esse equilíbrio emocional é necessário para todas as pessoas, principalmente para os alunos, que precisam trabalhar esse emocional para realmente ocorrer a aprendizagem”. (P1)

Essa fala evidencia uma relação direta entre o equilíbrio emocional e a aprendizagem, sublinhando que o desenvolvimento emocional é essencial para todas as pessoas, tanto individualmente quanto coletivamente. O depoimento sugere que habilidades emocionais são fundamentais em todas as fases da vida, contribuindo para o bem-estar geral e o desenvolvimento pessoal. A professora P1 enfatiza especialmente a necessidade dos alunos de receberem Educação Emocional, refletindo a vulnerabilidade dos estudantes em idade escolar e ressaltando a importância de fornecer suporte emocional durante essa fase crítica de desenvolvimento. Essa vulnerabilidade fica exposta no recorte da fala da professora P2 ao dizer:

“[...] se a gente for pensar na educação emocional é como o aluno consegue identificar, eu tô na turma agora do 2 ano. Com a turma do segundo ano, a gente faz aquele “como você se sente hoje? Feliz, triste ou com raiva?” Isso para eles entenderem o que é emoção para depois eles conseguirem falar sobre isso porque em casa não se conversa muito sobre o assunto, se tá triste, tem muita gente que acha que criança não tem sentimento, tem muitos pais que ainda acham isso. Então, em sala de aula, a gente tem que trabalhar muito isso “como é que você tá hoje?”, “Tá triste?”, é só uma tristeza de dia ou se é prolongada. Se for prolongada, a gente pede aos pais que leve ao pediatra porque aí pode ser falta de vitamina, pode ser anemia, pode ser uma depressão. Aí há uma importância em sala de aula, porque se a gente não busca isso, afeta diretamente porque ele vai se isolando e fica cada vez mais retraído e isso compromete a aprendizagem porque quando ele tá retraído, não faz perguntas, não se sente à vontade para questionar, ele sente medo, angústia, insatisfação porque você quando está emocionalmente abalado, você não confia no outro e a educação também se baseia em confiança. Por isso o professor tem que ter o olhar de perceber o que está incomodando o outro, porque se não perguntar o aluno fica isolado” (P2).

Ao destacar que muitos ainda acreditam que crianças não têm sentimentos, a professora P2 enfatiza a importância da Educação Emocional e, especialmente, do papel das atividades práticas em ajudar os alunos a identificar e expressar suas emoções. Essa fala evidencia a falta de diálogo emocional no ambiente familiar e a percepção equivocada de alguns pais sobre os sentimentos das crianças, sublinhando a necessidade urgente de ensinar os alunos a reconhecerem suas próprias emoções. A autoconsciência emocional, ou seja, a habilidade de identificar o que se sente, é o primeiro passo para construir uma regulação emocional. Após essa identificação, é necessário que os alunos aprendam a expressar

verbalmente suas emoções, pois isso facilita a comunicação emocional e contribui para a resolução de conflitos, promovendo um ambiente de aprendizagem mais receptivo e saudável.

Wallon (2007, p. 9) reforça a perspectiva de que "para a criança só é possível viver sua infância, conhecê-la compete ao adulto". Essa citação evidencia que, embora a criança experimente sua própria infância, é responsabilidade do adulto compreendê-la. No entanto, Wallon questiona qual perspectiva deve prevalecer: a do adulto, que observa e interpreta, ou a da própria criança, que vive essa experiência de forma direta. Ele destaca a necessidade de refletir sobre a legitimidade das interpretações adultas do mundo infantil e enfatiza a importância de valorizar a experiência subjetiva da criança nos estudos sobre desenvolvimento.

Ao sugerir uma abordagem centrada na criança, Wallon (2007) propõe que suas perspectivas e sentimentos sejam respeitados, superando a simples transmissão de conhecimento. Esse entendimento não apenas fortalece o vínculo entre criança e adultos, mas também cria um ambiente emocionalmente seguro, fundamental para a livre expressão e exploração das emoções pelas crianças. Nesse contexto, a Educação Emocional aparece como um pilar no desenvolvimento infantil, pois garante que as experiências emocionais das crianças sejam reconhecidas, compreendidas e apoiadas de maneira genuína e empática.

Ao relacionar essa abordagem com a importância de ensinar os alunos a identificar e expressar suas emoções, percebemos o quanto a perspectiva da criança é essencial. Nesse contexto, o papel do adulto — seja professor, pai, mãe — é fundamental para ajudar a criança a entender e nomear suas emoções. Quando damos voz às emoções das crianças e validamos suas experiências emocionais, adotamos uma abordagem centrada nelas, valorizando suas perspectivas e sentimentos.

A compreensão da importância da Educação Emocional é fundamental para a construção de uma dinâmica educacional em que os alunos se sintam emocionalmente acolhidos. As professoras P3 e P4 reconhecem isso ao destacarem a relevância da Educação Emocional, ao dizer:

“[...] acho que é de fundamental importância porque a gente vai, além de conhecê-los, podemos até acalmá-los em algumas situações” (P3);

“[...] é algo que requer um olhar específico até para a gente desenvolver não só o processo de ensino-aprendizagem, mas também questões de relações no contexto familiar, na sociedade. Então assim, emocionalmente, nosso foco como escola é pedagógico... esse foco é importante porque muitas vezes a questão de deficiência ou a hipótese de alguma deficiência está relacionada ao contexto emocional daquele estudante que interfere na aprendizagem” (P4).

Essa perspectiva evidencia a importância do papel que a Educação Emocional desempenha no ambiente escolar, promovendo não apenas o bem-estar emocional, mas também um espaço de aprendizagem onde os alunos são encorajados a explorar e expressar suas emoções de maneira saudável. Esse acolhimento emocional é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, permitindo que elas se sintam seguras e apoiadas, o que, por sua vez, facilita o processo de aprendizagem e contribui para o crescimento pessoal e social.

4.3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL E SEUS IMPACTOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Embora seja fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos, a educação emocional enfrenta vários desafios para ser implementada nas escolas. Um dos principais obstáculos é a resistência à mudança, presente tanto entre educadores quanto entre os pais, que frequentemente consideram a educação emocional menos importante em relação aos conteúdos escolares tradicionais. Além disso, a formação insuficiente dos professores para abordar competências socioemocionais, aliada à falta de recursos adequados para aplicar esses conceitos nas salas de aula, intensifica o problema.

Esses desafios resultam em uma implementação fragmentada da educação emocional, comprometendo a criação de um ambiente escolar inclusivo. A ausência de estratégias claras para integrá-la ao currículo afeta o desenvolvimento de habilidades essenciais como empatia e regulação emocional, prejudicando o bem-estar dos alunos. Para superar esses obstáculos, é necessária uma abordagem integrada, com formação contínua dos professores, envolvimento da comunidade escolar.

Para aprofundar a compreensão dos desafios relacionados ao bem-estar emocional dos alunos e seu impacto no desempenho escolar, as professoras compartilharam suas percepções ao responder à seguinte pergunta: "Quais são os principais desafios que você identifica em relação ao bem-estar emocional dos alunos e como eles afetam o desempenho escolar?" A análise dessas respostas visa esclarecer as dificuldades enfrentadas e contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para integrar a educação emocional no ambiente escolar.

Freire (1996) argumenta que é necessário combinar o conhecimento teórico sobre a influência das condições materiais na vida dos estudantes com a compreensão prática da realidade concreta onde os professores atuam. Ele destaca que as condições de vida dos

alunos influenciam diretamente sua capacidade de compreender o mundo e enfrentar desafios. Portanto, os educadores precisam se familiarizar com a realidade dos alunos para aprimorar sua prática pedagógica, reduzindo a distância e a estranheza em relação ao modo de vida dos estudantes. Essa perspectiva de Freire se alinha diretamente com os desafios mencionados pela professora P1, que diz:

“[...] o que eu sinto assim é uma dificuldade de a gente não ter como encaminhar esse aluno para um suporte da rede pública de psicólogo porque a gente sabe que as mães até procuram, mas a demora é grande, o acesso é difícil, uma consulta, um agendamento com um psicólogo e terapia. A gente aqui na escola tem uma aproximação com a comunidade e orientamos, dando uma orientação. Inclusive, a gente tem a nossa AEE, que mora na comunidade e ela está sempre indicando, já tem uma certa intimidade” (P1).

A professora P1 destaca a dificuldade de acesso ao suporte psicológico público e a demora nos atendimentos, mencionando que a escola tenta contornar esses desafios se aproximando da comunidade. No entanto, tais esforços muitas vezes não atendem às necessidades emocionais mais complexas dos alunos. A falta de recursos adequados e as limitações do suporte escolar evidenciam que, embora a proximidade com a comunidade seja importante, ela não substitui a necessidade de um atendimento psicológico especializado e adequado.

4.4 FORTALECIMENTO DO BEM-ESTAR EMOCIONAL E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

O fortalecimento do bem-estar emocional desempenha um papel de relevância no desenvolvimento educacional, especialmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Quando as crianças têm suas emoções reconhecidas e apoiadas, elas não apenas se sentem mais seguras e valorizadas, mas também desenvolvem melhor as suas aptidões. Esse suporte emocional contribui para um ambiente escolar mais harmonioso, onde os alunos são mais engajados e motivados. Integrar a educação emocional ao currículo escolar exige que se leve em conta as particularidades individuais dos alunos e formação dos educadores.

Bisquerra (2005) destaca que as habilidades socioemocionais são essenciais para facilitar as relações interpessoais, pois estão diretamente ligadas às emoções. Ele aponta que a escuta e a empatia são fundamentais para promover atitudes pró-sociais e combater comportamentos negativos como racismo, xenofobia e sexismo. Essas habilidades também contribuem para um ambiente social que favorece o trabalho em grupo produtivo e satisfatório

No contexto educacional, tais habilidades promovem um clima escolar positivo, que facilita a aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos. Ao incentivar a empatia e a cooperação,

cria-se um ambiente mais inclusivo e motivador, onde os estudantes se sentem seguros e valorizados, o que apoia seu crescimento acadêmico e pessoal.

Com base nisso, foi feito o seguinte questionamento às professoras: “Você pode compartilhar algumas das estratégias de intervenção que utiliza para integrar a educação emocional em suas rotinas diárias na escola?” A professora P1 respondeu:

“[...] eu gosto muito de trabalhar com música, eu gosto muito de arte. Eu penso assim que pela arte a gente se encontra. Então assim, é aquela coisa de apreciar, de o conteúdo da aula ser como a música para descontrair, para bater palmas, para trabalhar o corpo. Eu penso que a arte eleva a pessoa a se encontrar consigo mesmo, com o seu sentimento”. (P1)

Com relação ao fortalecimento do bem-estar emocional, a professora P1 enfatiza que a arte ajuda os alunos a se conectarem consigo mesmos e com seus sentimentos, sugerindo que atividades artísticas são um meio poderoso para que os estudantes expressem suas emoções e aprofundem o autoconhecimento. Além disso, o uso da música nas aulas pode criar momentos de descontração e interação, reduzindo o estresse e promovendo um ambiente mais leve e acolhedor. A professora P2 confirma essa perspectiva e destaca as estratégias de intervenção que utiliza para integrar a educação emocional no cotidiano escolar. Ela explica que:

“[...] as escolhas presentes no diálogo cotidiano, deixo eles refletirem na escolha das decisões, como disse, eles têm oportunidade de fala, chance de escolha. Dada às situações presentes no dia a dia, deixo que eles façam algumas escolhas nos momentos de resolução dos conflitos, sou mediadora”. (P2)

Nesse recorte, a professora P2 reforça a importância de criar um ambiente onde os alunos têm voz ativa e são encorajados a refletir sobre suas decisões. Ao permitir que façam escolhas e participem na resolução de conflitos, a professora atua como mediadora, promovendo um espaço de diálogo e reflexão. Essa prática fortalece o desenvolvimento de habilidades como a tomada de decisões e a resolução de conflitos, além de incentivar a autonomia e a responsabilidade dos alunos em suas interações cotidianas.

Ainda seguindo a linha de raciocínio da importância das habilidades socioemocionais, as professoras P3 e P4 também trazem observações importantes, destacando um desafio significativo: a projeção da violência cotidiana nas brincadeiras dos alunos. Elas ressaltam que:

“[...] dependendo da situação, a gente pode fazer às vezes, fazer uma dinâmica de grupo, parar tudo que está fazendo e vamos lá fora da sala, vamos fazer uma atividade, se tiver uma música que possa contemplar a situação, a gente faz com a música, aí a gente trabalha. Se não for isso, aí a gente faz outra dinâmica em que eles possam se acalmar e depois retornar. Uma dificuldade é a projeção da violência que eles veem no cotidiano e eles trazem para as brincadeiras, uma coisa que a gente

vê muito é que às vezes não tem nada a ver com o momento e eles trazem uma certa agressividade, eles estão lá representando violência”. (P3);

“[...] diálogo e observação, principalmente por parte dos profissionais da escola, todos estão aqui envolvidos, cada um com sua função, todos são valiosos. Então, primeiramente tem a questão da observação, de passar para o estudante que ele tá no ambiente escolar que as pessoas que estão aqui amam todos os estudantes, se dedicam para todos os estudantes e nós estamos nesse processo, nessa prática, uma prática inclusiva, prática em que temos que esclarecer as diversidades que temos na nossa escola e como podemos acolher todos os estudantes entre eles, inclusive, levantando a bandeira da paz, do diálogo, da solução, das superações e principalmente cada um acreditar no seu potencial.” (P4)

As falas das professoras P3 e P4 destacam a importância de abordagens adaptativas e criativas para lidar com a violência nas brincadeiras dos alunos. A professora P3 relata que a escola utiliza diversas estratégias, como atividades ao ar livre e outras dinâmicas como o uso de música, para ajudar os alunos a se acalmarem e se reconectarem de maneira positiva com o ambiente escolar. Essas intervenções ajustadas ao contexto ajudam a atender às necessidades emocionais imediatas dos alunos, promovendo uma reconstrução gradual de comportamentos sociais mais saudáveis e menos agressivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar a relação entre o bem-estar emocional e o desempenho escolar dos estudantes dos anos iniciais, uma vez que exteriorizamos que esse vínculo pode influenciar não apenas o desenvolvimento escolar como a motivação desses estudantes para que possam ampliar as suas potencialidades. Para tal propósito, identificamos, através das entrevistas com as professoras e das observações que a ausência de suporte adequado para o encaminhamento dos alunos para avaliações e acompanhamentos psicopedagógicos na rede pública trata-se de um problema significativo. Essa lacuna no suporte evidencia uma deficiência nos mecanismos de encaminhamento e acompanhamento, que são fundamentais para atender às necessidades emocionais e educacionais dos alunos.

Adicionalmente, observou-se que a falta de envolvimento ativo das famílias no contexto escolar tem um impacto prejudicial sobre o desenvolvimento educacional das crianças. A participação familiar é uma variável crítica no processo educativo, e sua ausência contribui para uma menor eficácia das intervenções escolares e para um aumento das dificuldades enfrentadas pelos alunos.

Diante desse cenário, é imperativo que sejam formuladas e implementadas políticas públicas que abordem essas questões de maneira abrangente. Essas políticas devem não apenas expandir e aprimorar os mecanismos de encaminhamento para a assistência psicopedagógica, garantindo que os alunos recebam o suporte necessário de forma eficiente, mas também fomentar uma maior participação das famílias nas atividades escolares. Esse envolvimento mais profundo das famílias pode acelerar o atendimento das necessidades dos alunos e contribuir para a prevenção do agravamento de suas dificuldades. Portanto, a criação de estratégias integradas que promovam tanto a assistência psicopedagógica adequada quanto o engajamento familiar é crucial para a melhoria geral do desenvolvimento escolar das crianças e do ambiente educacional como um todo.

Contemplamos a importância desta pesquisa para contribuir com a resolução de algumas questões como a explicação de que estratégias ligadas à educação emocional possuem um alto nível de importância e influenciam positivamente o desempenho escolar. Contudo, esperamos que essa pesquisa seja capaz de despertar novas enigmáticas e provocantes investigações ligadas à educação emocional no ambiente escolar.

6. REFERÊNCIAS

ARANTES, V. A. A afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA, M. K. de, SOUZA, D. T. R., REGO, T. C. (Orgs.): **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BISQUERRA, R. A. Educación emocional em la formación del profesorado. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, 19 de maio de 2005, 95-114 Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/274/27411927006.pdf>.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S.K. Notas de campo. In BOGDAN R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução às teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BUSSAB, V. S. R., & SOUZA, M. T. C. C. de (2006). Apresentação. In V. S. R. Bussab & M. T. C. C. Souza (Eds.), **Razão e emoção: diálogos em construção**. São Paulo: Casa do Psicólogo. (p.7-12)

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 26, n. 36, p. p. 21-38, maio 2010. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/17577>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 13a edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a inteligência na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARDNER, H. **Mentes que mudam: a arte e a ciência de mudar as nossas ideias e as dos outros**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 5ª Ed., São Paulo: Ed. Atlas S.A., 1995.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LA TAILLE, Y. de. Desenvolvimento do juízo moral e a afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias Psicogenéticas em Discussão**. 18.ed. São Paulo: Summus, 1992.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.